

O tiquetaque do destino

Pedro detivera-se diante da igreja e fixara o seu olhar na fachada que ao longo de séculos acolhera os ritos solenes de despedida. As pedras antigas, polidas pela incessante marcha das vidas que chegavam e partiam, pareciam conspirar contra a estabilidade dos seus passos, murmurando saudades eternas. Carregada do hálito fresco da serra, a brisa trazia consigo ecos de lamentos e preces, sons que o guiaram pelo percurso que a partir dali fizera, tantas vezes, em cortejo fúnebre. O destino era o solo sagrado onde as memórias dos seus se entrelaçavam com as raízes profundas daquela terra beirã.

Entre as paredes do cemitério da aldeia, onde as lápides se erguiam como sentinelas de reminiscências antigas e o tempo parecia dobrar-se sobre si mesmo, repousavam os seus antepassados, cujas existências haviam sido abruptamente ceifadas. Ali, sentira o peso de uma herança invisível, um legado de despedidas prematuras que ressoava através de gerações.

As epígrafes eram singelas, quase espartanas na sua simplicidade, apenas datas de nascimento e de morte a marcar o princípio e o fim. Nada nelas denunciava as histórias de términos abruptos que tinham assolado os homens da família Valente. Não havia indícios da pestilência que abafara a respiração do bisavô José Luiz, acometido por uma febre que devastou a Beira Baixa, deixando atrás de si um rasto de luto e silêncio. Não havia vestígio da queda que tirara a vida do avô António Luiz, engolido pelas entranhas de um poço, enquanto cuidava das cabras e podava as oliveiras no chão do tio Alfredo. Tampouco restava evidência do estrondo metálico que ceifara a vida do seu pai, Joaquim Luiz, quando a imprudência ao volante do primeiro carro que se vira nas redondezas o arremessara sem aviso para além do véu da existência.

Embora as recordações dessas vidas tivessem sido consumidas pela voragem implacável do tempo, uma sombra ainda pairava sobre elas: a fatídica cifra dos 49 anos, um número que selara o destino de cada um, impedindo-os de testemunhar a alvorada do seu quinquagésimo aniversário. E ali estivera Pedro Luiz Valente, carregando o mesmo nome e apenas a um sopro de cruzar o limiar que nenhum dos seus antecessores ultrapassara. Acreditava que também não alcançaria a idade que parecia ser o destino final da sua linhagem. Encarara as lápides uma última vez e dissera, simplesmente, «até já».

Caminhara pela vida com passos contidos, como se cada gesto menos refletido pudesse antecipar o fim que acreditava estar-lhe destinado. Rejeitara Antonieta, um amor tão antigo e familiar quanto as pedras da calçada que percorrera de volta a casa, e optara

pela monotonia de um emprego na junta de freguesia, onde as horas se arrastavam numa valsa lenta com papéis e carimbos. Os sonhos da juventude, que outrora se haviam erguido vastos e sem fronteiras no horizonte da esperança, foram-se dissipando na bruma do temor, tal era a convicção de que aspirar a mais seria desafiar o destino. Evitara os excessos, não por virtude, mas por medo e superstição. Na sua condição meticulosamente banal, aspirara a uma invisibilidade que o poupasse ao olhar atento da morte, movendo-se com a esperança silenciosa de que, ao ser discreto, talvez o destino se esquecesse dele.

Esmagado pelo peso da certeza aguda de que não escaparia ao destino sombrio que perseguia os homens da sua família, Pedro decidira que iria partir nos seus próprios termos. Quando fez 49 anos, encenara no palco da sua mente o derradeiro ato final. Rejeitara a ideia de se afogar ou de usar uma arma; a água era um elemento no qual se movia com destreza, e as armas eram-lhe estranhas e traiçoeiras. Descartara também os métodos com variáveis imprevisíveis, como medicamentos, gases letais ou eletrocussão, pois cada um carregava uma margem de erro que não podia tolerar. A altura nunca seria uma opção, pois a torre da igreja era o cume da sua pequena aldeia e ele não se permitiria macular um lugar tão sagrado. A colisão intencional com um automóvel também fora prontamente excluída, pois nunca conseguira apagar da memória os contornos distorcidos do corpo do pai após o acidente. A visão do próprio corpo a esvair-se em sangue era-lhe intolerável, um único traço vermelho era suficiente para o fazer vacilar. Assim, foi nas traves que sustentavam o teto da sua casa de infância que depositara a sua derradeira escolha, atando o seu destino ao lugar que o viu nascer.

Mergulhara em fórmulas e conceitos, encetando um monólogo tétrico com as leis da física, questionando-se qual seria a tensão, a força e a resistência necessárias para ser bem-sucedido. Treinara até à exaustão o nó de força, uma espiral de voltas que se abraçavam em torno da corda principal, prometendo um aperto final inevitável com um simples puxar da extremidade livre. Escolhera o modesto banco de madeira, testemunha silenciosa das lágrimas da mãe que, frente à lareira, chorara a ausência do pai, como se o inverno da sua partida se prolongasse por todas as estações, até ao dia em que a doença a reclamara. Na manhã daquele último dia dos seus 49 anos, deixara tudo nos seus devidos lugares.

No regresso do cemitério, Pedro permitira-se absorver cada detalhe à sua volta, já imerso na serenidade que a proximidade do fim lhe conferia. Contudo, apesar dos meticulosos cálculos que fizera, da precisão com que ensaiara os nós e escolhera o local onde a corda seria suspensa, acontecera algo de inesperado. Quando entrou em casa,

deparara-se com Antonieta, acomodada no sofá de tecido grosso e desbotado, sob a luz trémula do fogo que ela própria acendera. A sua presença, um farol inadvertido na névoa dos seus esquemas cuidadosamente traçados, lançara uma nova luz sobre a escuridão dos seus desígnios.

Antonieta, sem proferir uma única palavra, batera no sofá três vezes com a mão calejada, um gesto que convidava Pedro a sentar-se ao seu lado. Depois da peregrinação ao cemitério, ele estava desligado do compasso das horas. Ainda que o som do sino da igreja cortasse o sossego da noite, a hora exata escapava-lhe. As sombras devoravam o mundo lá fora e ele rendera-se ao calor reconfortante do lume e à presença de um amor que conhecera desde a mais tenra infância, mas que deixara fugir por entre os dedos do tempo e da irracionalidade. As suas mãos entrelaçaram-se num pacto mudo de esperança e observaram a corda suspensa que balançava suavemente, escarnecendo dos minuciosos planos que ele esboçara. Troçava das suas convicções, erguendo-se como um monumento à efemeridade dos seus propósitos perante a vasta imprevisibilidade da vida.

Quando amanheceu, Antonieta permaneceu no seu posto de vigia. A sua mão agarrava a mão fria de Pedro, que fora vencido por um coração esfacelado pelo tormento da espera atroz que marcara o compasso dos seus dias. Dera-se conta da sua partida quando o calor da mão dele se extinguiu na dela. Com dedos trémulos, registara a hora, um último ato de testemunho à pequena vitória de Pedro sobre um legado de desenlaces trágicos. Pensou que ele gostaria de ter sabido que ultrapassara o limiar dos cinquenta anos por três horas e cinquenta minutos, um marco que nenhum dos seus antecessores havia alcançado.

Esta é a história do meu pai, que naquela madrugada morreu convicto de ter extirpado a maldição que assombrava os Valente, julgando-se o último elo de uma corrente de infortúnios. Contudo, emergi para a vida nove meses depois, sob o mesmo teto que presenciou a minha conceção inadvertida. No dia em que faço 61 anos, estou frente à sua lápide onde se lê a inscrição «Aqui jaz Pedro Luís Valente que aos 50 anos atravessou a sombra do destino».

Nunca se saberá se o coração do meu pai teria sucumbido naquela noite se não vivesse sob a penumbra constante da morte, mas acredito que, ao render-se por fim ao amor, ele redimiu os Valente da sua antiga maldição e esse ato de libertação foi o seu mais valioso legado.